



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

AMANDA VITÓRIA DA SILVA CRUZ

**ENSINO DE HISTÓRIA: MÉTODOS E PRÁTICAS NO 3ª ANO DO ENSINO MÉDIO
NA ESCOLA SÃO JOSÉ OPERÁRIO – JOCA CLAUDINO- PB**

CAJAZEIRAS-PB

2018

AMANDA VITÓRIA DA SILVA CRUZ

**ENSINO DE HISTÓRIA: MÉTODOS E PRÁTICAS NO 3ª ANO DO ENSINO
MÉDIO NA ESCOLA SÃO JOSÉ OPERÁRIO – JOCA CLAUDINO- PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Israel Soares de Sousa

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

C957e Cruz, Amanda Vitória da Silva.
Ensino de história: métodos e práticas no 3º ano do ensino médio na escola São Operário - Joca Claudino - PB / Amanda Vitória da Silva Cruz. - Cajazeiras, 2018.
62f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Israel Soares de Sousa.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2018.

1. Ensino de história. 2. Métodos de ensino. 3. Prática pedagógica. 4. Educação. 5. Autonomia. 6. Qualidade de ensino - brasil. I. Sousa, Israel Soares de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

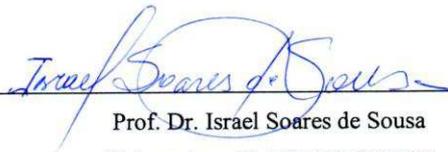
CDU - 94:37.02

AMANDA VITÓRIA DA SILVA CRUZ

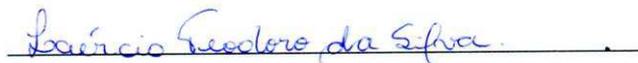
ENSINO DE HISTÓRIA: MÉTODOS E PRÁTICAS NO 3º ANO DO ENSINO
MÉDIO NA ESCOLA SÃO JOSÉ OPERÁRIO – JOCA CLAUDINO- PB

Aprovada em: 07/08/2018 Nota: 8,5

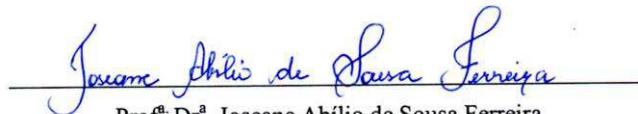
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Israel Soares de Sousa
(Orientador – UACS/CFP/UFCG)



Prof. Me. Laércio Teodoro da Silva
(Examinador – UACS/CFP/UFCG)



Profª Drª. Joseane Abílio de Sousa Ferreira
(Examinadora – UAE/CFP/UFCG)

CAJAZEIRAS-PB

2018

Aos meus pais, a minha família e amigos.

AGRADECIMENTOS

Das muitas coisas que aprendi ao longo desses anos, o ato de “agradecer” foi um dos mais gratificantes aprendizados. Mas desde já peço desculpas pelos meus esquecimentos, as amizades construídas foram muitas.

Agradeço primeiramente ao criador do universo, Deus, pois a minha fé me deu forças para enfrentar os obstáculos impostos durante esses anos.

A minha amada mãe (Minha guerreira), Antonia Maria da Silva Cruz, reconheço que qualquer palavra que eu escreva aqui, seria insuficiente para descrever o tamanho do meu amor por ti. Obrigada por cada ensinamento, cada puxão de orelha, pelo carinho, conselhos. Resumo tudo que sinto dizendo que tu és meu exemplo, e sempre será o grande amor da minha vida.

Agradeço ao meu pai, Valdemar Teotônio, obrigado pela vida, pelo carinho, pelos ensinamentos, pela força, te amo.

As minhas irmãs Walteclênia Silva, Angélica Silva e aos meus amados sobrinhos Maria Alicia e Pedro Henrique, por todo o carinho, amo vocês.

Aos meus Avós: Augusto e Maria Francisca e Antônio Pereira e Maria. Obrigada por tudo! Amo vocês.

A todos os meus familiares, prefiro não elencar nomes para evitar o erro de esquecer algum, obrigada pelo carinho de todos.

Ao meu orientador, Dr. Israel pelo acolhimento, pelas correções, conselhos e questionamentos feitos, pela paciência em meio à correria, muito obrigado.

A minha professora, Dr^a. Ana Rita, pela amizade, pela paciência, por não medir esforços para me ajudar, pelos conselhos, questionamentos e indagações feitas. Esse trabalho também foi fruto de todos os ensinamentos que me deu. Meu muito Obrigada!

A minha querida turma 2012.1, com vocês aprendi o significado da palavra “amigo”, levarei a amizade de vocês para sempre. Benicio, Danilo, Katiana, Laís, Yan, Ranielton, Walter, Ivanilda, Lidiane, Risoneide, Rivânia, Luedna, Guerhansberger, e aqueles que não continuaram na turma, mas deixaram um pouco de si, Bianca, Renata, Matheus, Yonnara. Desejo muito sucesso na vida de cada um de vocês.

As colegas de curso, em especial ao meu amigo Iarlyson, que não media esforços para me ajudar quando precisei e a minha amiga Kleidiane por está comigo em todos os momentos.

Aos docentes do curso, obrigado por cada ensinamento e por toda a paciência, desejo a cada um muita sabedoria e sucesso.

Aos meus amigos e amigas de fora da universidade, que aguentaram meus estresses ao longo desses anos, me aconselharam e permaneceram comigo. Enfim, a cada um que contribuiu direta ou indiretamente para a realização desse sonho.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar o ensino de História na Escola São José Operário, da cidade de Joca Claudino – PB. Buscamos, nesse contexto, discutir os métodos e as práticas de ensino de história utilizadas no 3º ano do Ensino Médio da referida escola durante o ano letivo de 2017. Nossa investigação busca problematizar a qualidade da educação brasileira na escola pública e compreender como se configura o espaço educativo da Escola São José Operário, a partir de trabalhos que possam contribuir no processo de autonomia dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Usamos como referencial os pensamentos de Paulo Freire (1996), Libâneo (1994), Alaíde Lisboa de Oliveira (1978) e Circe Bittencourt (2008) na perspectiva de ensino, metodologias e práticas. E de Marcos Napolitano (2013) e suas discussões sobre a História na sala de aula, além de Ângela Maria Martins (2001) em seus pensamentos sobre autonomia e educação. Usando como fonte de pesquisa os diários escolares e as falas dos estudantes durante o projeto de intervenção.

Palavras-chave: Educação. Ensino de História. Prática Pedagógica, Autonomia.

Lista de Figuras

Figura 1: Diário dos meses de Fevereiro e Março de 2017.....	33
Figura 2: Diário do mês de Abril de 2017.....	33
Figura 3: Diário do mês de Maio de 2017.....	34
Figura 4: Diário do mês de Junho de 2017.....	34
Figura 5: Diário do mês de Julho de 2017.....	35
Figura 6: Diário dos meses de Agosto e Setembro de 2017.....	35
Figura 7: Diário do mês de Outubro de 2017.....	36
Figura 8: Diário do mês de Novembro de 2017.....	36
Figura 9: Diário do mês de Dezembro de 2017.....	37

Listas de Fotos

Foto 1: Falando das vivências escolares.....	48
Foto 2: Exibição dos vídeos.....	52
Foto 3: Alunos assistindo os vídeos.	53
Foto 4: Criação dos murais.....	54
Foto 5: Criação dos murais.....	55
Foto 6: 1ª mural.	57
Foto 7: Fala de um aluno colocada no mural.	58
Foto 8: 2ª mural.	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO 1 - AUTONOMIA E A ESCOLA.....	16
1.1 - Importância da autonomia na escola.....	16
1.2 - Ensino de História e Autonomia	20
CAPITULO 2 - AUTONOMIA X DESINTERESSE.....	25
2.1 - Breve história da escola.	25
2.2 - Comunidade escolar.....	26
2.3 - Relações entre autonomia e desinteresse do aluno	29
2.4 - Análise do diário escolar: os métodos e as práticas de ensino relacionado à autonomia.....	32
CAPITULO 3 - PRÁTICA COLABORATIVA DE PESQUISA.....	40
3.1 - Ação Emancipadora.	40
3.2 - Oficina	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS	62

INTRODUÇÃO

A educação brasileira entende e considera os processos formativos a partir da relação com os acontecimentos do meio social, processo no qual os indivíduos estão envolvidos de modo inevitável pelo simples fato de existirem. Nesse contexto, o ensino de História tem o papel de instigar o aluno a compreender e a adotar um pensamento crítico e a contribuir na constituição de identidades.

Mediante o exposto, o presente trabalho, intitulado de *Ensino de história, métodos e práticas no 3ª ano do Ensino Médio, na escola São José Operário*, tem como objetivo apresentar o ensino de História na referida instituição, analisando os métodos e as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores do 3ª ano, período no qual o estudante é motivado e se prepara para prestar exame seletivo para ingressar no Ensino Superior. Nesse sentido, pensamos essas questões a partir de uma reflexão sobre autonomia na escola e na sala de aula.

O objetivo geral da pesquisa é problematizar os métodos e práticas de ensino na escola São José Operário, no decorrer do período letivo de 2017, refletindo a prática docente juntamente com a questão de autonomia na escola, especificamente a turma do 3º ano do Ensino Médio. Os objetivos específicos são: analisar o ensino de história na escola, levando em conta as mudanças curriculares ocorridas na década de 1990 para o Ensino Médio (implantação de políticas educacionais que privilegiam o estudo sobre o papel social do ensino, em exercer a cidadania e capacitar o aluno a ser capaz de resolver problemas ligados a questões sociais) a partir dos conceitos de ensino e aprendizagem e autonomia; analisar os métodos e as práticas de ensino que a professora utiliza em sala de aula; apresentar possibilidades de atividades docentes que possibilitem o desenvolvimento da autonomia no Ensino de História.

Foi ao longo do curso de Licenciatura em História e das diversas disciplinas cursadas, dentre elas as de estágios supervisionados e outras ligadas à questão de educação e de projeto de pesquisa, que aprendemos que cada historiador faz suas escolhas, delimitando recortes temporais, teóricos e metodológicos, influenciado pelo seu lugar de origem, suas paixões, entre outros interesses.

Dessa forma, movida por esses diversos elementos já citados, delimitamos a nossa pesquisa. Joca Claudino é meu lugar de origem, cidade pequena do interior da Paraíba, rica nas suas histórias, mas que ainda é pouco investigada. Estudei nas escolas

da cidade desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio, e esse foi um dos motivos pelo qual resolvi estudar o ensino em uma das escolas do meu lugar social, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São José Operário, fundada em 1985, sendo ela uma das primeiras escolas do município de Joca Claudino. Sendo que no ano da fundação da escola, o município ainda pertencia à cidade de Uiraúna- PB.

Minha mãe é professora nessa escola, e desde criança sou cercada por questões ligadas à educação. Nesse espaço aprendi sobre o seu exemplo e a gostar desse assunto. Tenho certa ligação com a escola, pois estudei nela os anos finais do Ensino Fundamental e em todo o Ensino Médio. Foi nela também que, na graduação, concluí dois estágios supervisionados. Por, desde cedo, ter acompanhado seu funcionamento e presenciado o descaso dos órgãos públicos para com a escola, que nem prédio próprio tem, funcionando em situação precária em um espaço emprestado, justifica também a minha escolha pela mesma, pois ela faz parte da minha formação enquanto pessoa e futura professora de História.

Foi durante os estágios supervisionados, tanto de observação como de regência, que meu interesse de estudar o ensino de História na escola aumentou. Pois ao enxergar a situação pelo lado de “fora”, e já com certo “conhecimento acadêmico” mais aguçado, é que pude ver além do que já havia vivenciado, não no sentido de hierarquização de saberes, mas no intuito de refletir sobre a realidade na escola e contribuir para superação das dificuldades.

A escolha pelo 3^a ano do Ensino Médio foi basicamente por ser uma etapa de transição, na qual o aluno sai do Ensino Médio para, possivelmente, ingressar em uma universidade. É nesse ano que o aluno intensifica sua preparação para prestar vestibular. Eis que surgem muitas inquietações: os alunos estão sendo preparados para chegar à universidade? A ter autonomia de pensamento crítico? A aprender a não só reproduzir o conhecimento, mas produzir? Como está se dando o ensino/ aprendizagem? Como se dá o ensino de história? Essas perguntas serviram para iniciar a pesquisa e a pensar essas questões no ano de 2017, mesmo sendo um ano recente, passa a ser interessante analisar, pois se aproxima da nossa realidade e passava a ser mais viável, principalmente para aplicar a pesquisa ação, que foi um meio de colaborar com a escola.

Pretendemos com isso ter uma melhor compreensão do processo de ensino e aprendizagem, como também de sua apresentação numa sociedade que vem sofrendo transformações ao longo do tempo. Além disso, buscamos entender o processo de

formação da educação que a Escola São Jose Operário, de Joca Claudino-PB, (essa escola foi uma das primeira do município de Joca Claudino e é pertencente a 9º Gerencia de educação com sede em Cajazeiras- PB) vem vivenciando em seus métodos e práticas no ensino de história, no 3ª ano, do Ensino Médio.

Acerca dessa questão, José Carlos Libâneo (1994, p.149-174) reflete a prática de ensino e aprendizagem dos educandos, cuja competência determina a compreensão de professor e aluno, de metodologias, de função social, dos conteúdos e avaliação. A discussão sobre o ensino e suas atribuições é importante para que explicitem os pressupostos pedagógicos dentro das contribuições no ensino de história, referentes a presente pesquisa.

Para entender o conceito de autonomia, Ângela Maria Martins (2001, p.10-11) parte do princípio que esse conceito tem sido construído historicamente, passando por diferentes processos e assumindo diferentes significados a partir de elementos econômicos, culturais, sociais e filosóficos. Para ela, a construção da autonomia só pode ser vivenciada na educação com o entendimento do seu conceito que é em suma a capacidade de se autogovernar, ter independência dentro do processo de ensino e aprendizagem.

O autor Franco Cambi (1999, p.21-35) nos ajuda a pensar que a concepção que construímos de educação veio de mais de uma linha pedagógica, decorrentes de mudanças sociais e políticas, econômicas e culturais, nas quais as influências teóricas são aspectos de extrema relevância para uma busca constante pela melhoria que se adeque ao sistema educacional.

Marcos Napolitano (2013, p.164) discute que, atualmente, o que se tem visto é uma subdivisão da história na contemporaneidade. Segundo o autor, até os anos de 1930, o ensino de História do Brasil foi passado para segundo plano, pois o foco era a “História Universal” dando ênfase também a Idade Média, e que, quanto mais a história se pauta nas questões do presente, mais o historiador fica engajado nas questões político-ideológicas do seu tempo. A partir de mudanças mais recentes, com o surgimento dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e das novas perspectivas em relação ao Ensino Médio, vários elementos foram atribuídos a esse quadro que vão modificando o sentido da educação de professor, aluno, ensino.

Contudo, ao analisar o papel do professor e sua tarefa de ensinar, a partir da visão dos autores estudados; refletindo também sobre as práticas de ensino, os métodos, a importância do ensino para a sociedade hoje, assim como também a educação foi se transformando com o tempo e podendo compreender tudo que nos cerca é que eu posso então me aprofundar para entender esses processos na educação da escola São José Operário. Onde a nova perspectiva de ensino não se limita somente na formação ou na metodologia, mas abrange também compreender os papéis sociais dos atores envolvidos no processo ensino- aprendizagem. Em outras palavras, surgem outras funções sociais, ou melhor, uma maneira diferente de se conceber o conhecimento.

A pesquisa foi feita com 13 alunos (8 do sexo masculino e 5 do sexo feminino) do 3º ano do ensino médio do turno vespertino, com uma faixa etária de 16 a 18 anos , e se deu da seguinte maneira: Primeiramente houve um período de observação que duraram três meses, tendo início em 24 de julho de 2017. Quando esse período acabou, foram feitas as análises dessas observações para então formularmos uma pesquisa-ação ou ação emancipadora na escola. Essa “ação” foi formulada de uma forma na qual o aluno interagisse e apontasse os problemas que eles vivenciavam na escola. Foi promovido então um encontro com os alunos durante dois dias, com rodas de conversas e oficinas nas quais os alunos relatassem suas experiências e vivências escolares no ensino de História e algumas discussões acerca da autonomia na escola e na sala de aula; além da construção de murais em que os alunos relataram seus desejos de mudanças no espaço escolar.

Mediante nossa proposta, no primeiro capítulo intitulado de “**Autonomia e a Escola**”, buscamos compreender a importância da autonomia na escola e na sala de aula e a importância para o ensino de história.

No segundo capítulo, intitulado de “**Autonomia X Desinteresse**”, procuramos problematizar a relação da autonomia e do desinteresse do aluno com as propostas do ensino de História, problematizando, principalmente, os métodos e suas práticas docentes. Relato nele também a experiência da observação, mostrando como foram conduzidas as aulas de História durante esse período, fazendo, assim, uma análise.

No último capítulo, intitulado de “**Prática Colaborativa de Pesquisa**”, propomos uma análise sobre a ação de intervenção feita na escola e nas oficinas que foram feitas para então compreender o ensino de História na escola São José Operário.

CAPITULO 1 - AUTONOMIA E A ESCOLA

Esse primeiro capítulo, de início, busca conceituar a autonomia mostrando também a perspectiva de alguns autores, como Ângela Maria Martins (2001), Paulo Freire (1996) e Libâneo (1994) sobre o tema e sobre também às questões de educação, para que, em seguida, possamos mostrar a importância da autonomia na escola e na sala de aula.

1.1 - Importância da autonomia na escola

A escola e o ensino de História têm o papel de ajudar o aluno a construir um pensamento crítico e sua própria identidade, tanto no reconhecimento de si próprio inserido em um espaço social, quanto na construção do processo de autonomia, ou seja, em serem indivíduos autônomos e que possam intervir nos espaços sociais em que vivem. Dessa forma, é importante entender e conceituar o tema da autonomia, que assim como Ângela Maria Martins (2001, p.10) aponta que, historicamente esse conceito foi sendo construído por diferentes autores e assumindo características diferentes, tanto culturais quanto econômicas, políticas e sociais. Entender esse conceito é necessário para que se possa compreender essa relação com as questões de educação e do ensino de história na escola São José Operário, mais especificamente no 3º ano do Ensino Médio do turno vespertino que é objeto de estudo dessa pesquisa.

Quando se pensa a palavra “autonomia” em relação à política, faz-se logo uma associação com a palavra “democracia”, no sentido de *dar leis a si próprio*, ter liberdade de escolha daquilo que se quer fazer ou falar, ter independência, etc. Porém, sabemos que hoje no Brasil vivemos em uma democracia participativa, na qual elegemos representantes para que eles tomem as decisões em nome dos cidadãos, onde criam leis para que assim possamos segui-las, como aponta Bobbio (2000, p.37): “[...] é uma democracia participativa, sendo assim renuncia o princípio de liberdade como autonomia.”.

Olhando por esse lado, quando se pensa nesse vínculo entre “autonomia” e “democracia” ligadas diretamente à política, podemos ver esses conceitos se confundindo, pois ao ter uma liberdade democrática, não necessariamente se tem

autonomia para ser autossuficiente. Nessa visão seria mais aceito uma democracia direta, onde cada indivíduo poderia passar a participar das tomadas de decisões ativamente na sociedade. A autora Martins (2001, p.10), mostra que:

A discussão sobre o desenvolvimento e o exercício da autonomia no âmbito da política, implica numa discussão sobre a própria construção da noção de democracia desde Rousseau, para quem, o princípio inspirador do pensamento democrático sempre foi a liberdade entendida como autonomia, isto é, como a capacidade de uma sociedade de dar leis a si própria, promovendo a perfeita identificação entre quem dá e quem recebe uma regra de conduta, eliminando, dessa forma, a tradicional distinção entre governados e governantes sobre a qual fundou-se todo o pensamento político moderno”

Dessa forma, podemos ver que essa construção da democracia e da autonomia surge de inúmeras transformações políticas, econômicas e sociais quando movimentos como os de trabalhadores e estudantes, que ao longo do tempo se organizam por meios de sindicatos, de grupos e associações autônomas, reivindicavam seus direitos. Passando então a ter um papel relevante na história política da sociedade democrática, construíram assim, no âmbito individual e social a explicação desse exercício da autonomia na prática. Martins (2001, p.14) afirma que:

Nessa perspectiva, os movimentos autônomos e/ou participacionistas sempre alimentaram, historicamente, o antagonismo das relações sociais por força do desejo de mudanças imprimidas pelas classes trabalhadoras. Esses movimentos alimentaram, ainda, muitas das mudanças operadas no âmbito da gestão das organizações.

Sendo assim, essas reivindicações pela conquista da autonomia uniram os diferentes movimentos como, trabalhadores e estudantes, em que viam a necessidade de se ter uma sociedade mais justa e igualitária pela qual “a influência da participação de atores nas decisões de empresas e/ou nas decisões sociais e políticas não implica, necessariamente, numa ruptura nas estruturas de poder, mas sim, na possibilidade de construção de mecanismos que distribuem o poder.” (MARTINS, 2001. p. 15). Ângela Maria (2001. p. 17) também afirma que:

No âmbito social e político o tema de autonomia emergiu ao longo da última metade do século XIX, particularmente na comuna de Paris (1871) e, durante as primeiras décadas do século XX, transformou-se na bandeira de luta de diferentes movimentos operários, dentre os

quais destacam-se a formação dos comitês de fábrica quando da realização da Revolução Russa (1917); as experiências de coletivização de empresas agrícolas e indústrias durante a Revolução Espanhola (1936/1939); as comunidades de trabalho na França em 1945, cujo principal lema era obter a cultura e a formação no seio da empresa, considerados tão importantes quanto a própria remuneração [...]

E assim, o termo autonomia surgiu em meio a grandes e diferentes movimentos históricos, principalmente entre as classes operárias que buscaram valores democráticos, e que tiveram bastante influência sobre as relações políticas ao longo dos anos, com formação de grupos sindicais.

Na filosofia, o conceito de autonomia também apresenta relações com o aspecto social, pois “[...] em uma sociedade de alienação a autonomia como prática social sempre será permeada pelas condições materiais da existência e por outros indivíduos” (MARTINS, 2011, p. 28). Essa ideia de separar cada indivíduo agindo por si só, acaba por se tornar uma farsa, pois não se pode separar as pessoas do contexto social, e assim “[...] como relação e prática social, portanto, a autonomia será sempre o produto de uma conjuntura histórica e nunca a resposta definitiva para contradições e conflitos sociais, insondáveis e imprevisíveis.” (MARTINS, 2001, p. 28).

Em relação à escola, podemos considerar que seu processo de autonomia se constrói pela relação que ela mantém com o meio social. Nóvoa (1999) aponta alguns elementos que podem caracterizar uma escola autônoma: as escolas precisam responder de maneira útil e hábil os desafios impostos no cotidiano, precisa implicar e responsabilizar seus atores sociais e profissionais, aproximar seu centro de decisão da realidade escolar, contribuir para a criação de uma identidade da escola, de um *ethos* específico e diferenciador que facilite à adesão de seus sujeitos ao projeto de mudanças da própria escola.

Nesse mesmo sentido, a autonomia tem de ser vista como ferramenta de construção para escolas mais democráticas, nas quais docentes e discentes possam buscar a sua liberdade e os seus direitos. Freire (1996, p.65) afirma que:

[...] outro saber necessário à prática educativa, e que se funda na mesma raiz que acabo de discutir - a da inclusão do ser que se sabe inconcluso -, é o que fala do respeito devido à autonomia do ser educando.

Destacamos que a autonomia passa a ser construída como palavra de urgência para a implementação de escolas democráticas com docentes e discentes que defendam o direito da liberdade. Lembrando que não há docência sem discência, as duas se complementam e se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de objeto um do outro. Como afirma Paulo freire, “Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender.” (2003, p.23).

Respeitar a autonomia de cada um, tanto fora da escola como dentro dela, é essencial para um bom convívio e para garantir a liberdade do educando e de seus princípios éticos, pois dentro da escola é essencial o diálogo e a exposição de diferentes pontos de vista, isso é bastante importante para a formação moral do aluno, para torná-los sujeitos reflexivos e críticos, em que respeitem a ética e a moral, como afirma Almeida (2009, p.32):

[...] não é casualmente que a educação para autonomia moral prescrita nos PCNs, traz o tema “ética” como transversal, devendo perpassar todos os campos disciplinares. Além disso, a ética deve estar presente em todas as dimensões da escola, pois a moral não se ensina através da prescrição de normas e sim pela vivência, através de experiências morais e na reflexão sobre elas.

A partir do exposto, corroboramos com a ideia da necessidade de se investir na formação constante das identidades dos alunos. A partir de práticas pedagógicas que levem em consideração os seus saberes, suas vivências sociais, seus espaços de convivência, a partir do despertar de suas curiosidades. A esse respeito, Freire (1996, p.66) ressalta que:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que ele ‘se ponha em seu lugar’ ao mais ténue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever e propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride o princípio fundamentalmente éticos de nossa existência.

Nesse sentido, tanto o professor autoritário, que priva o aluno de sua liberdade de se expressar, de pensar criticamente, que oprime o direito do educando de ser inquieto e curioso, como o professor silencioso, que é apático para com o aluno, faz

com que se rompa o princípio ético de sua própria natureza humana. “[...] saber que devo respeito à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber.” (FREIRE, 1996, pag. 67).

Com isso, o educador tem que contribuir com o aluno na construção do seu pensamento crítico e sua autonomia, apontando diferentes caminhos. É importante ressaltar também que a autonomia deve ser abordada na dimensão em que permite o indivíduo ser claro na sua análise dos problemas educativos, ou seja, baseando nos problemas sociais da dimensão escolar. E assim, em relação à prática social, a “autonomia será sempre o produto de uma conjuntura histórica e nunca a resposta definitiva para as contradições e conflitos sociais, insondáveis e imprevisíveis.” (MARTINS, 2001, pag. 28). Assim, segundo Libâneo (1994, p.177), o ensino pode ser definido como uma atividade conjunta entre professores e alunos e que, sob a direção dos professores, tem a finalidade de promover condições e meios para que os alunos possam assimilar conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções.

1.2 - Ensino de História e Autonomia.

Por anos, o ensino de História no Brasil foi pautado em métodos de ensino em que os alunos tinham que decorar datas, os grandes nomes e os grandes feitos dos “atores históricos”. Onde era evidenciada a mecanização da aprendizagem, numa visão positivista ou “factual” de “fazer história”. A História é um saber perceptível no presente, tendo em vista que aborda uma realidade (o passado histórico da humanidade) é também um campo de conhecimento que comporta uma multiplicidade de interpretações e perspectivas sobre os fenômenos históricos. Barros (2012, p.306-307) afirma que:

É impressionante constatar como, durante todo um século que abarca a pré-história e a história desta escola, perdura com a mesma intensidade aquela velha crítica dos Annales à “historia factual”, através da oposição de uma história problema - interpretativa, problematizada, apoiada em hipóteses, capaz de recortar o acontecimento através de novas tabuas de leitura, e, na verdade, capaz de problematizar este próprio gesto de recortar um acontecimento, Essa história problematizada é hoje no século XXI, lugar comum para qualquer historiador formado historiador, e já era um lugar quase comum na ocasião da retomada dessa tremulante bandeira por Lucien Febvre em 1946, ou pelo menos em 1953 ([..]

Marcos Napolitano (2013, p.164) nos apresenta que até os anos de 1930 o ensino de História no Brasil foi passado para segundo plano, pois o foco era a história universal, dando ênfase também a Idade Média. A história contemporânea só foi confirmada como material de estudo em 1895 e compreendia um período que ia da Revolução Francesa até o século XIX, tendo como eixo o estudo da civilização moderna, tendo como modelo a Europa. Entre nós, o modelo adotado foi o francês. Para alguns metódicos, quanto mais presente a história se pauta, mais o historiador fica engajado nas questões políticas- ideológicas do seu tempo. Porém os fatos poderiam ficar sujeitos a distorções por parte do historiador. Napolitano (2013, p.165) afirma que:

Para os historiadores metódicos, as maiores dificuldades em escrever uma história contemporânea eram a falta ou exiguidade de arquivos e o caráter aberto do período contemporâneo, ainda influente nos acontecimentos do presente do historiador.

Podemos compreender assim, que ao longo dos séculos XIX e XX vão surgindo correntes históricas e pedagógicas pelas quais criticam esse modo de “fazer história” e de ensinar história, questionando essa visão positivista. Por muito tempo no Brasil, ao longo de sua trajetória política, essa disciplina foi deixada de lado, como por exemplo, no período militar, quando foi unida à disciplina de Geografia, formando os “Estudos Sociais”, fazendo com que seus objetivos fossem modificados. O que tornou necessário entender que os conhecimentos históricos são necessários para a formação de indivíduos para que eles compreendam as transformações culturais, políticas e socioeconômicas, ou seja, é necessário um modelo educacional que privilegia o ensino de história em suas múltiplas variações.

Pensando as mudanças que vem ocorrendo nos currículos desde os séculos XIX e XX aos dias atuais, podemos perceber o quanto a historiografia tradicional ainda é forte, mesmo tendo ocorrido mudanças teóricas e metodológicas. Podemos perceber pelos livros didáticos adotados nas escolas hoje. Alguns exemplares partem de um conteúdo positivista e tradicional dos “grandes homens” como já foi citado anteriormente. A deficiência dos conteúdos que acabam fazendo com que o aluno não desenvolva sua capacidade reflexiva e crítica a cerca das questões contemporâneas, como política, cultura, entre outras, dificultando, assim, a renovação do ensino e do material didático do ensino de História.

Temos de considerar a História como uma ciência humana de grande importância para a formação do aluno, pois o ajuda a criar possibilidades de compreender a realidade e que o rodeia na vida e no meio social, através de uma criticidade que o faz interpretar a mesma. Assim como aponta Freire (1996, p. 28) “[...] o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.”. O conhecimento histórico tem de ser construídos e não dados de forma pronta na sala de aula, o professor dessa forma tem de deixar de dar as soluções prontas e estimular e incentivar a pesquisa para que o aluno aprenda que o conhecimento não é adquirido e sim construído.

E, assim, a história ao ajudar a desenvolver esse espírito crítico, deve ajudar também a desenvolver a autonomia do educando, no sentido do aluno buscar fontes de conhecimento, ter liberdade e a desenvolver as suas potencialidades. Faz com que o aluno também aprenda a refletir de maneira crítica as realidades dos conteúdos apresentados, tendo assim certa independência e autonomia dentro do processo ensino/aprendizagem em História, não o fazendo aderir a alguma posição ideológica, mas, sim, o fazendo interpretar as diversas linhas e posições existentes. Freire (1996, p.29) afirma que:

É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “trancamento” do objeto e do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições implicam ou exigem a presença de educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiências da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos de construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.

É de extrema relevância que o educador, em sua prática, considere novas possibilidades de trabalho, onde o aluno seja incentivado a construir novos conceitos, refletindo e discutindo, de uma maneira que comece a contribuir na formação de sujeitos ativos e autônomos na escola e na sociedade. Pensando o aluno como um produtor de conhecimento e não apenas como um aprendiz. Agra (2009) nos mostra que:

Qualquer estudo de história do Brasil, nos ensinos fundamental e médio, deveria começar pela situação atual do País a partir de noticiários televisivos, pesquisa em jornais, revistas, livros didáticos e paradidáticos, filmes históricos, entrevistas com membros de determinados segmentos sociais, de acordo com a localização e possibilidades de cada escola

Merrell (2008, p.52-57) em sua obra, nós mostra que todo conhecimento é um produto (sujeito, sociedade e tempo) histórico, e ,como produto histórico, tem um lugar, conhecimento, sujeito e sociedade assim, são co-dependentes. O saber nesse sentido, é interação, ou seja, estão vinculados um no outro, mesmo que esse vínculo seja imperceptível, pois para que se tenha “um saber” deve existir uma interação, e que a base da conexão do saber está na relação discente/docente.

O sujeito aprende o conhecimento conforme “interesse pessoal” moldado na sociedade, enquanto a sociedade molda o sujeito através do conhecimento, e nós não percebemos que o conhecimento nos modifica e nós modificamos o conhecimento. Assim, a sociedade e o sujeito são sempre flexíveis e fluidos. Nesse sentido, é importante o ensino de História voltado a conhecer os problemas da sociedade e do país em geral, e este conhecimento pode começar antes mesmo da sala de aula. Segundo Merrell:

Nem a ciência nem qualquer outro campo de pesquisa começa como um quadro- negro vazio, pronto para as experiências dos observadores objetivos, à maneira do empirismo clássico; nem começa com um tipo de razão universal, fixa e granítica ao modo do racionalismo clássico. Segundo Polanyi, toda aprendizagem começa dentro da família, no *playground*, na sala de aula, no trabalho, ou onde quer que esteja o indivíduo. A aprendizagem começa na atividade do ensinar-aprender, de todo tipo. (MERRELL, 2008, p. 118).

Nesse contexto, percebemos que o ensino de História e o professor de História têm de se preocupar para além do aluno, principalmente com aquilo que a sociedade o cerca, e deve se preocupar com o direcionamento e novas ideias e novos caminhos para o pensamento do educando. Segundo Bittencourt:

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vistas. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais

vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemática. (BITTENCOURT, 2012, p. 57).

E assim, o ensino de História tem de respeitar a autonomia do aluno, respeitando também as características e o ritmo de aprendizagem individual de cada um. Permitindo, assim, que o aluno pense historicamente sobre aquilo que o cerca, também sobre os meios sociais “de uma maneira comparável, Freire esclarece que a tarefa docente da professora de modo nenhum é ensinar apenas conteúdos; também ensina o aluno a pensar corretamente.” (MERRELL, 2008, p.83). E esse “pensar corretamente” ajuda o aluno na construção de sua autonomia enquanto estudante enquanto um ser inserido na sociedade.

CAPITULO 2 - AUTONOMIA X DESINTERESSE.

Este segundo capítulo busca apresentar de início uma breve história da Escola São José Operário, em seguida fala sobre a comunidade escolar, a relação da autonomia, do desinteresse do aluno nas aulas de História e, por último, faz análise do diário escolar: os métodos e as práticas relacionados à autonomia na sala de aula.

2.1 - Breve história da escola.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São José Operário, situa-se na Rua Chiquinho Pedoca, nº 1, Centro, no município de Joca Claudino-PB, integrada a 9ª Gerência Regional de Educação (GRE), com sede em Cajazeiras – PB. A escola norteia todo o trabalho pelo PPP (Projeto Político-Pedagógico) nos termos da legislação em vigor. Funciona nos turnos, vespertino (Ensino regular) e noturno apenas o EJA (Educação de Jovens e Adultos).

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São José Operário, foi fundada no ano de 1985 pela iniciativa do Padre Antônio José Duarte (em memória), durante cinco anos funcionou filiado a Sociedade Educacional e Assistência Social São José Operário era chamada, Cenesista São José Operário. Nesse momento, o município onde se situava a escola ainda pertencia à cidade de Uiraúna-PB. A escola passou a ser uma instituição estadual em 30 de novembro de 1995, foi uma das primeiras escolas do município. Esteve localizada até dezembro de 2011 em um prédio pertencente ao próprio fundador, e a partir de 2012 passou a localizar-se em outro prédio, no centro da cidade, de Joca Claudino – PB, ainda de propriedade privada. Atualmente já foi doado um terreno ao Estado para construir o colégio, essa construção já foi dada início.

A escola São José Operário conta com um quadro de 13 professores e 17 funcionários técnicos que compõe o apoio administrativo, dentre eles diretora, vice-diretor, auxiliares de serviço, secretária escolar, apoio pedagógico, vigias, porteiros, auxiliar de biblioteca e merendeiras.

A cidade de Joca Claudino é localizada na microrregião da Paraíba; de acordo com último censo demográfico a cidade conta com 2.615 habitantes, e tem uma extensão territorial de 74.007 Km². O município conta apenas com a renda da

agricultura, aposentadoria, benefícios sociais ou empregos gerados pela prefeitura. Existem festas populares, tais como São João, São Pedro e grupos culturais, tais como xaxado, ciranda e coco. É dentro desse contexto socioeconômico e cultural que os alunos da Escola São José Operário (os alunos do 3º ano do ensino médio, de uma escola pública, que é objeto de estudo dessa pesquisa) se encontram inseridos.

2.2 - Comunidade escolar.

O ato de educar além de está ligado as transformações sociais e a reconstrução dessas relações na sociedade. Também está relacionado ao paradigma do mercado de trabalho, pois em tese, estamos enquanto comunidade escolar, preparando os alunos para cursarem uma faculdade e ingressar no mercado de trabalho. De acordo com Libâneo (1994, p.90):

A atividade de ensino, por outro lado, está indissociavelmente ligado à vida social mais ampla, o que chamamos de prática social. Em sentido amplo, o ensino exerce mediação entre o indivíduo e a sociedade. Essa mediação significa tanto a explicitação dos objetivos de formação escolar frente às exigências do contexto social, político e cultural de uma sociedade marcada pelo conflito de interesses entre grupos sociais, quanto o entendimento de que o domínio de conhecimentos e habilidades é um instrumento coadjuvante para a superação das condições de origem social dos alunos, seja pela melhoria das condições de vida, seja pela luta conjunta para a transformação social.

A educação, assim como qualquer outra prática social, foi evoluindo ao longo dos anos, e como aponta Freire (1996, p.110), a educação é uma forma de intervir no mundo. “A história da educação é, hoje um repositório de muitas histórias, dialeticamente interligadas, reunidas pelo objeto complexo ‘educação’, embora colocado sob óticas diversas e diferenciadas na sua fenomenologia.” (CAMBI, 1999, p.29).

Sendo assim, os passos da educação podem ser vistos dentro de uma historicidade em meio à ruptura da Idade Média para tempos mais modernos, em que o ser humano passa a ver de outro modo: não apenas voltado para uma sociedade hierarquizada, de ordens, mas, sobretudo, para si mesmo e a aplicação de suas capacidades, passa a ver o mundo de modo racional, às artes, a economia, a política, as ciências e o mundo do conhecimento inevitavelmente mudava também. Alargavam-se

os horizontes humanos, o homem não estava restrito a um papel predeterminado, mas acenava um futuro de liberdade em que a educação entra nessa revolução passando do mundo tradicional para o moderno.

A tarefa de ensinar na atualidade vem passando por profundas mudanças tanto em relação às exigências nelas envolvidas, quanto em relação à própria natureza do ofício de ensinar. Com as novas exigências do mercado de trabalho, o profissional da educação necessitou se preparar melhor, intensificar seus estudos, incluindo um de estudo contínuo que possa lhe levar a cursar mestrados, doutorados e pós-doutorados, tudo em função de alargar seu conhecimento pela “arte” de ensinar e melhorar sua situação profissional dentro da comunidade escolar. Marcos Napolitano (2013, p.178) aponta que:

Com as mudanças no ensino brasileiro, a partir das Leis e Diretrizes de base (LDB), dos PCNs e das novas perspectivas para o ensino médio, mais elementos foram adicionados a esse quadro complexo. Novos termos formam hoje um turbilhão de ideias que vêm modificando o conceito de escola, professor, aula e aluno: ensino temático, ensino transdisciplinar, ensino por competências, Historia Integrada, Historia Retrospectiva, Historia do cotidiano, projeto didático-pedagógicos, conteúdos atitudinais, conteúdos factuais etc.

Com as mudanças nos PCNs, da LDB e das novas perspectivas no Ensino Médio, vários elementos foram atribuídas como os citados acima, e vão modificando o sentido do ser professor, do ser aluno e do ensino. Quando pensamos nessas mudanças ocorridas no currículo desde o século XIX e XX aos dias atuais, podemos perceber o quanto a historiografia tradicional ainda é forte, mesmo tendo ocorrido mudanças metodológicas e teóricas na historiografia do século XX. Podemos perceber, por exemplo, nos livros didáticos adotados nas escolas públicas de hoje, onde a maioria é pautada de um conteúdo tradicional.

Porém, a busca de uma nova prática pedagógica, o traçar caminhos e horizontes inovadores para educação, estão em ir além de tentar romper práticas tradicionais e abranger novos papéis sociais para atores envolvidos na questão educacional. Como diz Libâneo, “Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepara-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social.” (LIBÂNEO, 1994, p.17).

Não há prática educativa sem sociedade e não há sociedade sem prática educativa. Com a democratização no espaço escolar podemos ver uma grande adaptação do discurso de autonomia junto à gestão escolar, isso acabou possibilitando a comunidade escolar a tomar certas decisões que antes não poderiam ser feitas no cotidiano das escolas. Com essas novas perspectivas o ensino não se limita apenas as questões metodológicas, mas vai abrangendo novos papéis sociais para aqueles que fazem parte da comunidade escolar, tais como professores, alunos, direção e funcionários em geral. O autor Hora (2007, p.50-51) afirma que:

No Brasil, a questão da democratização da escola pública tem sido analisada sob três aspectos, de acordo com a percepção dos órgãos oficiais ou na perspectiva dos educadores, especialmente daqueles que fazem uma leitura mais crítica do processo educacional: democratização do acesso à instituição educacional; democratização dos processos pedagógicos e democratização dos processos administrativos (...) desenvolvidos nos sistemas educacionais e no interior das escolas, por meio da participação de pais, alunos, professores e da sociedade civil em geral nas decisões tomadas em assembleias, de eleições para os cargos diretivos e na eliminação das vias burocráticas de gestão.

Nesse sentido, a democracia passa a ter um papel central dentro da comunidade escolar, pois essas relações democráticas passam a fazer parte do cotidiano dos docentes e gestores em geral.

Atualmente o sistema de ensino exige muito mais dos professores, um alargamento de seu papel, onde exige um ensino de qualidade, que dê uma formação cidadã capaz de interferir criticamente na realidade para transformá-la. Para que o ensino aprendizagem seja realmente um avanço e para que a aprendizagem ocorra, se faz necessário que se compreenda que somos seres inseridos em um mundo bem mais complexo do que este que a nossa simples razão ainda limita.

Circe Bittencourt (2008, p.103) nos faz refletir acerca do atual momento da disciplina de história, e sobre as mudanças curriculares que ocorreram quando o ensino começou a ser pensado não apenas como ensino em si, mas como ensino/ aprendizagem Bittencourt (2008, p.103) afirma que “as propostas curriculares mais recentes tem procurado centrar-se na relação entre ensino e aprendizagem, e não mais exclusivamente no ensino, como anteriormente.”. E sobre a contribuição do ensino de história na construção de identidades, identidade essa que está associada à formação da

cidadania, ela ainda diz que “a contribuição da história se tem dado na formação da cidadania, associada mais explicitamente à do cidadão político.” (BITTENCOURT 2008, p.121), sendo de suma importância para a sociedade à formação de cidadãos críticos, pois ajuda a pensar os problemas da sociedade. E assim, Bittencourt (2008, p.106) nos diz que:

As propostas de renovação dos métodos de ensino pelos atuais currículos organizam-se em torno de dois pressupostos. Um pressuposto básico e fundamental é a articulação entre método e conteúdo [...] o segundo pressuposto é que o atual método de ensino tem de se articular às Novas tecnologias para que a escola possa se identificar com as novas gerações [...]

É importante destacar que deve existir uma reflexão acerca da prática educativa, pois sem ela, a relação teoria/prática fica sem conexão, levando em conta que a prática não existe sem a teoria. Por isso mesmo, educadores, críticos, progressistas e conservadores, todos eles necessitam saber equilibrar a relação teoria/prática, devem ter consciência de que ensinar não é só transferir conhecimento, pois de acordo com Freire (2016, p. 23) “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender...”. A prática educativa deve ser rigorosamente formativa, socializadora das ideias e apropriada para termos o conhecimento como diálogo aberto para a construção do saber.

O bom aprendiz é resultado do bom educador para provar a excelência do aprendiz, ou seja, não há desistência sem docência, o educador tem de estar consciente de que ensinar não é só transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção. Ensinar não existe sem aprender, e vice-versa e foi aprendendo socialmente que a humanidade descobriu que era possível ensinar. Penso assim que, quanto mais criticamente se exerce a capacidade de aprender, mais se constrói e desenvolve a curiosidade epistemológica.

2.3 - Relações entre autonomia e desinteresse do aluno

Para pensar a relação entre autonomia e desinteresse, temos de pensar primeiramente na relação professor/aluno. No processo de ensino o professor não pode apenas transferir conhecimento, mas desenvolver as potencialidades do educando, respeitando sua liberdade individual (como sujeitos autônomos) e nesse relacionamento

o carinho e o amor tem que existir, e é nesse contexto que o professor tem que almejar uma educação capaz de contribuir para a formação e a construção do conhecimento do educando, sempre em busca de melhorar a aprendizagem, instigando, questionando e estimulando o aluno.

Alaíde Lisboa de Oliveira (1978, p.8-30) defende que, o conhecimento, as teorias e as normas da educação que consiste na possibilidade de libertação que esse mesmo conhecimento oferece, porém, Alaíde também discute a questão do método que o professor usa para ensinar, quais suas influências, será que o educador assume totalmente o método? Ou apenas estão informando com determinação dos ideais? Ou será que estão usando métodos que são eficazes e despertam a vontade de aprender dos alunos? A autora aborda ainda que os métodos de ensino de muitos educadores também não mudaram, uma vez que a metodologia pedagógica ao longo dos anos foi mudando, porém muitos professores não aceitaram essa renovação no modo de ensinar. Acrescento mais um questionamento, esses métodos dão autonomia ao aluno?.

Contudo, Oliveira (1978, p.8-30) acrescenta que embora alguns ainda não se adaptaram as mudanças, a didática tem procurado estudar e discutir a metodologia aplicada na sala de aula sob influência de muitos teóricos que defendem uma pedagogia como um caminho, um meio sistemático, que o professor deseja empregar para efetuar mudanças significativas na vida do educando.

Segundo ainda Oliveira (1978, p.8-30) os métodos pedagógicos podem comportar modificações flexíveis que venham favorecer a aprendizagem dos educandos, em que Ratke, Comênio e Pestalozzi estabeleceram condições a que se deve submeter o método de ensino. Na atualidade se percebe que o método de ensino está acentuado a uma preocupação do papel da personalidade do aluno e da relatividade do método. Faz-me pensar também sobre os problemas das práticas em sala de aula e sobre os métodos utilizados, isso poderia gerar desinteresse do aluno?

Em consulta as diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares nacionais/ PCNs, no tocante ao ensino de história, é possível verificar que na proposta curricular oficial é recomendado que o ensino seja baseado na reflexão. Assim os conteúdos históricos têm o propósito transmitir o conhecimento acerca do papel do indivíduo enquanto sujeito histórico, crítico e consciente de que sua atuação é fundamental para os rumos da sociedade. (SILVA; FIGUEIREDO, 2013. p. 10).

Vendo isso nos faz pensar que dentre as muitas dificuldades que a educação brasileira vem sofrendo, o desinteresse por parte de muitos alunos é um ponto que chama bastante atenção e causa certa preocupação, pois alguns frequentam as aulas por obrigação. É sabido dizer que a aprendizagem depende bastante da motivação para buscar o conhecimento, nesse contexto os alunos têm de ser instigados a buscar essa motivação para que sintam necessidade de aprender e isso está ligado diretamente a autonomia ou ao desenvolvimento dela. Quando se desenvolve a capacidade do aluno de ter autonomia e liberdade, isso acaba ajudando a estimular o aluno a ter interesse na sala de aula. Martins (2001, p.35) aponta que:

Nessa perspectiva, a liberdade conduziria as novas formas de organização da vida escolar, pois não se trata apenas da liberdade da criança aprender de forma criativa e diferente, mas sim, do estabelecimento de mecanismos de gestão da própria escola que conduziriam a um projeto pedagógico libertário para toda comunidade escolar.

A construção da autonomia se torna, portanto, de suma importância, pois o educando assim passa a ser encorajado a pensar criticamente e passa a ser também participativo dentro do processo ensino/aprendizagem. É dentro desse processo que o educando se sente acolhido e respeitado, nesse sentido “a autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas.” (FREIRE, 1996, p. 120). Nessa perspectiva Freire (1996, p.121). também diz que:

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas de liberdade.

Nesse sentido, Freire nos faz entender que a construção da autonomia na vida do educando, respeitar a liberdade é necessário para que ele aprenda a se decidir e a ser ele mesmo, para que com isso a sala de aula se torne interessante, e aprender também se torne interessante, sem que gere desinteresse.

2.4 - Análise do diário escolar: os métodos e as práticas de ensino relacionado à autonomia.

Libâneo (1994, p.149) nos apresenta algumas concepções para os métodos e as práticas de ensino, mostrando que o processo de ensino é uma combinação de atividades entre o professor e o aluno e que, estão relacionados com os objetivos gerais e específicos desse processo. Ele nos diz:

Em virtude da necessária vinculação dos métodos de ensino com os objetivos gerais e específicos, a decisão de selecioná-los e utilizá-los nas atuações didáticas específicas dependem de uma concepção metodológica mais ampla do processo educativo. Nesse sentido, dizer que o professor “tem método” é mais do que dizer que domina procedimentos e técnicas de ensino, pois o método deve expressar também uma compreensão global do processo educativo na sociedade: os fins sociais e pedagógicos do ensino, as exigências e desafios que a realidade social coloca as expectativas de formação dos alunos para que possam atuar na sociedade de forma crítica e criadora, as implicações da origem de classe dos alunos no processo de aprendizagem, a relevância social dos conteúdos de ensino etc. (LIBÂNEO, 1994, p.149-150).

Com isso, os métodos e as práticas de ensino não são apenas meras técnicas ou procedimentos metodológicos, mas sim parte de um processo em que está ligado a fins sociais e as questões de autonomia, “[...] decorrem de uma concepção de sociedade, da natureza da atividade prática humana no mundo, do processo de conhecimento e, particularmente, da compreensão da prática educativa numa determinada sociedade.” (LIBÂNEO, 1994, p.151). Freire (1996, p.43-44) enfatiza que:

(...) É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O Próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Pensando nisso, veremos a seguir as imagens do diário escolar, da disciplina de história, da escola São José Operário, para então pensar esse processo.

Figura 1: Diário dos meses de Fevereiro e Março de 2017.

Data	Hora	Professor	Quantidade	Assunto	Tema	Atividade	Ação
06/03/2017	15 de Maio, 12:45	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A Vida Curta da Segunda Republica na França	Explorando o Assunto	Editar
06/03/2017	15 de Maio, 12:50	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A Vida Curta da Segunda Republica na França	Explorando o Assunto	Editar
20/02/2017	15 de Maio, 12:39	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	O Nacionalismo do Seculo XIX	Leitura Explicativa	Editar
20/02/2017	15 de Maio, 12:41	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A Europa Sob a Restauração	discussão do Assunto	Editar
13/02/2017	15 de Maio, 12:36	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Liberalismo e Democracia	Estudo de Fatos e Interpretações	Editar
13/02/2017	15 de Maio, 12:33	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A Luta de Classe na Europa do Seculo XIX	Leitura e Exploração	Editar

Fonte: Sistema Saber (2018).

Figura 2: Diário do mês de Abril de 2017.

Data	Hora	Professor	Quantidade	Assunto	Tema	Atividade	Ação
17/04/2017	16 de Maio, 07:22	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A Partilha e Colonização da Africa	Leitura e Debate	Editar
10/04/2017	16 de Maio, 07:10	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	As guerras de Unificação	Interpretação de Fatos	Editar
10/04/2017	16 de Maio, 07:11	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	O Imperialismo	Leitura Explicativa	Editar
03/04/2017	16 de Maio, 07:07	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Unificação Alemão	Discussão	Editar
03/04/2017	16 de Maio, 07:08	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Unificação : Italiana e Alemanha	Estudo de Mapas	Editar
27/03/2017	16 de Maio, 07:06	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Surge a Itália	Estudo dos Fatos	Editar

Fonte- Sistema Saber(2018).

Figura 3: Diário do mês de Maio de 2017.

Data	Hora	Professor	Quantidade	Assunto	Conteúdo	Ação
22/05/2017	27 de Junho, 11:21	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Uma era de incertezas. Continuação.	Editar
15/05/2017	27 de Junho, 11:18	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A guerra de secessão. Aula expositiva.	Editar
15/05/2017	27 de Junho, 11:19	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Potencia industrial. Aula expositiva e dialogada.	Editar
08/05/2017	16 de Maio, 07:28	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Estudos Unidos: Expansão e Guerra Civil	Leitura e Dialogando
08/05/2017	16 de Maio, 07:30	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A Expansão Territorial Norte - Americana	Discutindo as Principais Ideias
24/04/2017	16 de Maio, 07:23	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A Asia Sob o Controle	Leitura e Interpretação dos Fatos

Fonte: Sistema Saber (2018).

Figura 4: Diário do mês de Junho de 2017.

Data	Hora	Professor	Quantidade	Assunto	Conteúdo	Ação
12/06/2017	27 de Junho, 11:32	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Republica "café com leite" no Brasil. Aula expositiva e dialogada.	Editar
05/06/2017	27 de Junho, 11:24	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	O atentado de Sarajevo. Discutindo o assunto.	Editar
05/06/2017	27 de Junho, 11:24	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	o final do conflito. Levantamento de questões.	Editar
29/05/2017	27 de Junho, 11:21	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A primeira guerra mundial. Aula expositiva e dialogada.	Editar
29/05/2017	27 de Junho, 11:22	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Rivalidades imperialistas. discutindo principais ideias.	Editar
22/05/2017	27 de Junho, 11:20	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Uma era de incertezas. introduzindo o assunto.	Editar

Fonte: Sistema Saber (2018).

Figura 5: Diário do mês de Julho de 2017.

Data	Registrado em	Registrada por	Nº de aulas seguidas	Disciplina	Conteúdo	Metodologias	
31/07/2017	21 de Agosto, 11:29	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Revoltas urbanas.	Aula expositiva.	Editar
24/07/2017	21 de Agosto, 11:23	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Brasil: exclusão e revolta.	Aula expositiva.	Editar
24/07/2017	21 de Agosto, 11:28	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	os sertões	Interpretação do texto.	Editar
17/07/2017	21 de Agosto, 11:05	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A Republica da Espada.	Aula expositiva e dialogada.	Editar
17/07/2017	21 de Agosto, 11:10	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Crise na cafeicultura.	levantamento de questões.	Editar
19/06/2017	27 de Junho, 11:34	JOSELIA COUTINHO	1	História	Republica do "café com leite" no Brasil.	Levantamento de questões.	Editar

Fonte: Sistema Saber (2018).

Figura 6: Diário dos meses de Agosto e Setembro de 2017.

	11:28	COUTINHO DE LIMA			Mundial.		
11/09/2017	19 de Outubro, 11:28	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A Segunda Guerra Mundial.	Explorando o assunto.	Editar
04/09/2017	19 de Outubro, 11:22	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Explode a Revolução.	Avaliação da Aprendizagem.	Editar
04/09/2017	19 de Outubro, 11:24	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Explode a Revolução.	Avaliação da aprendizagem.	Editar
28/08/2017	19 de Outubro, 11:17	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A Revolução de 1930.	Aula expositiva.	Editar
28/08/2017	19 de Outubro, 11:18	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A Revolução de 1930.	Aula expositiva.	Editar
21/08/2017	19 de Outubro, 11:13	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Brasil: crise e revolução na Republica dos coronéis.	Aula expositiva Exercício de fixação.	Editar

Fonte: Sistema Saber (2018).

Figura 7: Diário do mês de Outubro de 2017.

Data	Registrado em	Registrada por	Nº de aulas seguidas	Disciplina	Conteúdo	Metodologias	
09/10/2017	19 de Outubro, 11:49	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	O Estado novo.	Aula expositiva, explorando o texto.	Editar
09/10/2017	19 de Outubro, 11:53	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	O Estado novo.	Aula expositiva, explorando o texto.	Editar
02/10/2017	19 de Outubro, 11:46	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	os primeiros anos da era Vargas.	Aula expositiva.	Editar
02/10/2017	19 de Outubro, 11:43	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	os primeiros anos da era Vargas.	Aula expositiva.	Editar
25/09/2017	19 de Outubro, 11:41	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A reação dos judeus	Avaliação da aprendizagem.	Editar
18/09/2017	19 de Outubro, 11:37	JOSELIA COUTINHO	1	História	A Guerra no Pacífico.	Exercício de fixação.	Editar

Fonte: Sistema Saber (2018).

Figura 8: Diário do mês de Novembro de 2017.

Data	Registrado em	Registrada por	Nº de aulas seguidas	Disciplina	Conteúdo	Metodologias	
20/11/2017	26 de Dezembro, 11:17	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	As lutas de libertação nacional na África e na Ásia.	Avaliação da aprendizagem.	Editar
20/11/2017	26 de Dezembro, 11:21	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	As lutas de libertação nacional na África e na Ásia.	Avaliação da aprendizagem.	Editar
13/11/2017	26 de Dezembro, 11:18	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	O socialismo se consolida e se expande.	Levantamento de questões do texto.	Editar
13/11/2017	26 de Dezembro, 11:14	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	O socialismo se consolida e se expande.	Sistematização do conteúdo.	Editar
06/11/2017	26 de Dezembro, 11:10	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A Guerra da Coreia.	Aula expositiva.	Editar
06/11/2017	26 de Dezembro, 11:16	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A Guerra da Coreia.	Aula expositiva, levantamento de questões.	Editar
30/10/2017	26 de	JOSELIA	1	História	Guerra Fria.	Avaliação da aprendizagem	Editar

Fonte: Sistema Saber (2018).

Figura 9: Diário do mês de Dezembro de 2017.

Data	Registrado em	Registrada por	Nº de aulas seguidas	Disciplina	Conteúdo	Metodologias	
18/12/2017	26 de Dezembro, 11:31	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Os Estados Unidos.	Avaliação da Aprendizagem.	Editar
18/12/2017	26 de Dezembro, 11:33	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Os Estados Unidos.	Avaliação da Aprendizagem.	Editar
11/12/2017	26 de Dezembro, 11:27	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Insatisfação e revolta.	Aula expositiva e dialogada.	Editar
11/12/2017	26 de Dezembro, 11:27	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	Insatisfação e revolta.	Continuação.	Editar
04/12/2017	26 de Dezembro, 11:26	JOSELIA COUTINHO DE LIMA	1	História	A América Latina entre o populismo e o militarismo.	Aula expositiva.	Editar
04/12/2017	26 de Dezembro,	JOSELIA COUTINHO	1	História	A América Latina entre o populismo e o militarismo.	Continuação.	Editar

Fonte: Sistema Saber (2018).

Podemos perceber ao ver os registros das aulas que são expostas nas imagens (Figuras de 1 a 9), que a professora utiliza na maioria das aulas de uma forma mais tradicional de lecionar, com o método expositivo de apresentar o conteúdo aos alunos, com leituras, levantamentos de questões, interpretações de textos e aulas expositivas dialogadas. No último, o aluno participa da aula de uma forma mais ativa que os métodos anteriores. Libâneo (1994) fala sobre essa classificação do método como exposição feita pelo professor.

Neste método, os conhecimentos, habilidades e tarefas são apresentadas, explicadas ou demonstradas pelo professor. A atividade do aluno é receptiva, embora não necessariamente passiva. O método expositivo é bastante utilizado em nossas escolas, apesar das críticas que lhes são feitas, principalmente por não levar em conta o princípio da atividade do aluno. Entretanto, se for superada esta limitação, é um importante meio de obter conhecimentos. A exposição lógica da matéria continua sendo, pois, um procedimento necessário, desde que o professor consiga mobilizar a atividade interna do aluno de concentrar-se e de pensar, e a combine com outros procedimentos, como trabalho independente, a conversação e o trabalho em grupo. (LIBÂNEO, 1994, p. 161)

Nesse sentido, os métodos utilizados na disciplina de História, na escola São José Operário, são um procedimento didático importante para assimilar os

conhecimentos mesmo de que de certa forma sejam de uma maneira “fechada”. Merrell (2008, p.119) diz que o saber fechado é quando o aprendiz acaba recebendo o saber que já é construído, porém os alunos atuam como receptores dentro desse processo, mas isso não significa que não há aprendizado, acaba tendo sim, mas não se cria possibilidades desse “saber” ser construído, juntamente com a autonomia do educando, pois os mesmo não os da liberdade para isso. Libâneo (1994, p.126), afirma que “na exposição verbal ocorre em circunstâncias em que não possível prover a relação direta do aluno com o material de estudo. Sua função principal é explicar de modo sistematizado quando as ideias que os alunos trazem são insuficientes”.

Nas figuras 3 e 5, a professora apresenta um método de exposição que é classificada como “leitura e dialogando” e “interpretação de texto”. Como mostra desse método de “exemplificação”, Libâneo (1996, p.162) diz que:

Ocorre quando o professor faz uma leitura em voz alta, quando escreve ou fala uma palavra, para que os alunos observem e depois repitam. Ocorre, também, quando ensina o modo correto de realizar uma tarefa: usar o dicionário, consultar o livro-texto, organizar os cadernos, preparar-se para uma prova, observar um fato de acordo com as normas e tirar conclusões, fazer relações entre fatos e acontecimentos etc.

O saber quando ele é “aberto”, se cria várias possibilidades de ser construído, dando ao aluno e ao professor a possibilidade de trabalharem juntos os conteúdos e terem uma aprendizagem construída junta, quando temos a possibilidade de que o aluno participe das aulas, e que se tenha uma interação entre professor/aluno e aluno/aluno. Com o saber “fechado” o conhecimento acaba sendo imposto, existindo sim aprendizado, mas não faz com que o aluno pense criticamente sobre os assuntos. Com isso, consigo enxergar ao ver os registros de aulas, que pode se perceber as duas vias de aprendizado, tanto a fechada com certa abertura (mesmo que pequena) quando se permite ao aluno dialogar com a professora (aula expositiva e dialogada). Merrell (2008, p. 157-158) mostra-nos também que no ensino deve existir uma “có-participação” onde nós temos de ser conscientes disso.

Durante a primeira etapa de sua carreira, Freire insistiu na conscientização como um fenômeno necessário para o conhecer-aprender. Acreditou firmemente que a conscientização era um passo essencial para que o indivíduo virasse consciente da sua co-

participação com todos os membros da comunidade” (MERRELL, 2008, p.157)

O aprender/conhecer é então integrado, e essa integração é uma relação entre o todo e as partes. Merrell (2008, p.140) afirma que tudo é possível, onde o aluno é escutado pelo professor, conhecimento deve passa ser construído com o professor e o aluno juntos, não apenas sendo dado sem participação do aluno, o professor aprendendo ao ensinar, e o aluno ensinando ao aprender, num processo que Merrell (2008, p.83) chama de “processo de virada”. E ajudando o aluno também a pensar criticamente. Nesse sentido:

[...] ideal, não há nem “construcionismo” puramente textual-linguístico, nem puramente tácito. Não há nem ensinar-aprender puramente autoritário, nem dialógico e democrático. Há , no entanto, uma combinação variável que oscila de uma lado para o outro, ou melhor, há um “hibridismo”, uma fusão de todas as tendências, num processo de co-participação, de modo que algo novo sempre tem alguma possibilidade de estar emergindo. (MERRELL, 2008, p. 141).

Sendo assim sempre surge algo novo no processo, os métodos não são puramente usados, criando sempre novas possibilidades na aprendizagem e na prática de ensino. O autor Freire (1996, p.161) enfatiza que “A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente da permanencia do hoje.” E essas mudanças são necessárias dentro do processo de ensino, pois acaba incentivando os estudantes, fazendo com que os mesmo passassem a se interessar mais pelo ensino de história.

CAPITULO 3 - PRÁTICA COLABORATIVA DE PESQUISA

Este terceiro capítulo procura mostrar como ocorreu à pesquisa ação/ação emancipadora na escola São José Operário. Narrando como aconteceu a execução da pesquisa, mostrando como foram as oficinas e seus resultados em seus respectivos momentos. Descrevendo e analisando o período de observação na referida escola e, também, as análises das normas vigentes da mesma.

3.1 - Ação Emancipadora.

Compreendemos a Pesquisa-Ação como uma das várias concepções da Pesquisa Participante e que, de acordo com Mello (2005, p.35) “[...] denota a opção por uma referência ético-político-epistemológico calcada na práxis”. Nesse sentido, de acordo com as características de nossa investigação, entendemos que a Pesquisa-Ação é a que melhor atende as nossas configurações de trabalho, pois a mesma é caracterizada por refletir acerca de uma dada realidade, sem dissociar a teoria da prática ou aferir importância maior a uma das duas. Tal aspecto reforça nossa compreensão de que a educação deve se pautar na apreensão das realidades dos alunos. De acordo com o autor Melo (2005, p.35):

Utilizamos a expressão Pesquisa Participante enquanto denominação genérica de estilos participativos de pesquisa, abrigando tendências conhecidas como: pesquisa-ação, investigação-ação, investigação participativa, investigação militante, estudo-ação, entre outras.

Uma questão premente em relação à pesquisa-ação diz respeito às mudanças empreendidas aos envolvidos na mesma. Quer seja uma redefinição no lugar onde estes estão inseridos, quer seja, na forma de olhar e perceber a realidade, ou se possível, no modo de pensar dos sujeitos. Caracterizando-se então, como uma perspectiva de compreender a pesquisa como uma forma de nos enxergarmos através do outro, rompendo com a ideia de sujeitos dóceis, passivos a espera de mudanças realizadas de forma impositiva.

Justificamos a importância da pesquisa na contribuição dos processos de participação política dos movimentos populares; ou mesmo dentro da escola pública, através de sua natureza que, dependendo da forma com que ela é empreendida, pode contribuir na compreensão do mundo e de sua transformação.

Destacamos como elemento importante para entendermos a pesquisa-ação enquanto movimento de emancipação política, a sua pretensão em substituir o eixo pesquisador/pesquisado, conhecedor/conhecido, cientista/cientificado pela construção de saberes em redes, com a quebra da hierarquia e da criação da solidariedade de conhecimentos, do respeito às diferenças e igualdades, contribuindo também para construção da autonomia dos educandos. Entendendo assim como Brandão e Streck (2006, p. 13), de que “[...] qualquer ser humano é, em si mesmo e por si mesmo, uma fonte original e insubstituível de saber.”. Ainda sobre essa questão, Brandão (1985, p. 8), nos esclarece que:

[...] só se conhece em profundidade alguma coisa da vida da sociedade ou da cultura, quando através de um envolvimento – em alguns casos, um comprometimento – pessoal entre o pesquisador e aquilo, ou aquele, que ele investiga.

Salientamos ainda que um aspecto fundamental para politização na pesquisa-ação é a importância dada à historicidade do ser e do fazer humano, que não entende a trama social como uma construção de um sujeito onisciente, nem como uma auto-trama, que ocorre ao sabor do acaso. Seguindo essa lógica, é importante também não dissociar as subjetividades dos indivíduos da história coletiva, nem das questões extrínsecas que os cercam e os influenciam, mas entender que são elementos importantes para a construção histórico-social dos sujeitos. Diante desses entendimentos, propomos um projeto pedagógico dividido em oficinas na escola campo de nossa pesquisa, com o claro intuito de construir e discutir aprendizagens significativas e instigadoras das autonomias discentes.

Sabemos que os trabalhos com projetos vêm crescendo no campo educacional, principalmente por estimular a participação dos sujeitos da escola em atividades educacionais das mais variadas. Sobre isso, Moura e Barbosa (2011, p.16) nos esclarecem que “[...] nas áreas educacionais e sociais, atividades baseadas em projetos ocorrem nos diferentes níveis de organizações públicas e privadas. Na área educacional podemos identificar projetos dirigidos para as mais diversas finalidades.”. Entre as

finalidades destacadas pelos autores para o desenvolvimento de projetos na esfera educacional, destacamos a implementação de oficinas e discussões temáticas de ensino por meio de projetos. Essa implementação deve ocorrer a partir de um amplo processo de discussões entre os participantes de forma sempre flexível, para atender as especificidades e realidade locais dos alunos.

Diante de tudo que já foi dito, podemos descrever a experiência de observações das aulas da professora, feita por três meses, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São José Operário.

A experiência foi a seguinte:

1ª mês.

Professora - Ao chegar à sala, a professora dá “boa tarde”, senta em sua cadeira, organiza suas coisas no birô e então a aula começa a ser conduzida da seguinte forma: Ela pega o livro, abre e começa a explicar o assunto, por vezes para e pergunta se os alunos estão entendendo, alguns balançam a cabeça e dizem que sim, e a aula prossegue. Quando algum aluno começa a bagunçar, ela repreende, mas de forma bem calma. Eram duas aulas seguidas, ela foi se aprofundando no assunto, alguns alunos observavam imagens do livro (outros nem levaram o livro), comentavam as mesmas referidas imagens, a professora trazia assuntos da atualidade como notícias de jornal e, entre outras, e assim a aula seguiu.

Alunos - De início alguns ficam dispersos, conversando aleatoriamente, mas logo se normaliza.

- A metade da turma presta atenção quando a professora começa a explicar o assunto.
- Ficam sentados nas cadeiras.
- Uns ficam em grupos e outros mais afastados.
- Por alguns momentos ficam conversando, mas quando a professora repreende eles obedecem e se calam.
- Alguns mexem no celular durante a aula.

2ª mês

Professora - Seguiu o a mesma coisa da semana anterior. Chega à sala, se organiza e começa a explicar o assunto, por alguns momentos os alunos se interessavam

e discutiam o assunto, participavam de leituras, porém a maioria do tempo das aulas eles ficavam dispersos, e o barulho das salas vizinhas também atrapalhava a aula, e por vários instantes, a professora ficava falando sozinha, depois do assunto explicado, ela passa um questionário para que os alunos respondam.

Alunos -

- Alguns mexem no celular.
- Sentam na cadeira.
- No início da aula uma senta-se à mesa, mas logo vai para a cadeira.
- A sala continua como se fosse dividida em grupos.
- A metade presta atenção na explicação.
- Alguns ficam dispersos.

3ª mês.

Professora -

Segue o mesmo ritual das semanas anteriores, expondo o conteúdo.

Alunos -

- De início conversam.
- Como nas outras aulas, uns ficam agrupados e outros sozinhos.
- Sentados nas cadeiras.
- Mexem no celular.

Essa visão dos três meses de prática, estima que os alunos precisam cumprir as normas com limite, e devam ser pautados por todo o “corpo social” escolar. Ao longo desses meses pude notar que a forma com que a professora leciona é basicamente a mesma.

Alunos precisam sim aderir a regras (que implicam valores e formas de conduta) e estas somente podem vir de seus pais ou professores. Os “limites” implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência da posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola e a sociedade como um todo (LA TAILLE, 1994, p. 24).

Ser um bom docente e profissional não significa somente saber comunicar-se com os seus colegas e alunos, mas também saber ministrar os conteúdos específicos. É importante ressaltar que o afeto, a amizade e carinho também faz parte do crescimento profissional na vida dos docentes, ou seja, a formação de valores para o crescimento pessoal dos indivíduos.

Recursos metodológicos utilizados durante a prática pedagógica

- Livro didático.
- Quadro branco.
- Lápis.

Durante esse período de observação, pude analisar que a professora usa do método tradicional para prática do ensinar, com aulas expositivas, onde a maioria das aulas havia participação dos alunos, tanto em leituras como questionamentos (um ou dois faziam). As aulas tinham apenas a utilização de livro didático, quadro branco e pincel. Pude notar também nas observações, o descaso dos governantes para com a escola e professor, até mesmo os livros didáticos faltam, nem todos os alunos tinham a posse dos mesmos, pois não havia sido mandada a quantidade certa. Acarretando com isso mais um problema para a professora e alunos, pois os mesmos não podiam acompanhar a leitura a não ser que se juntasse com o colega (coisa que alguns não faziam). Outro problema era o prédio, pois a estrutura não é tão boa.

O método utilizado por ela é basicamente o mesmo em todas as aulas, a professora expõe o assunto, faz um questionário (o mesmo servirá para a avaliação da aprendizagem). Quanto aos alunos, se nota em alguns um grande desinteresse nas aulas, pois os mesmos ficavam mexendo no celular ou conversando sem prestar atenção no que estava sendo exposto pela professora na aula.

. As normas da instituição supracitada são:

- ✓ Horário de início das aulas da manhã às 07h00min e término às 11h00min e a tarde, iniciando 13h00min e término às 17h00min.
- ✓ Comportar-se adequadamente dentro do ambiente escolar.

- ✓ Durante as aulas e no momento do recreio, a equipe escolar solicita dos alunos o exercício da boa convivência, respeito, companheirismo desenvolvendo assim, o bem-estar individual e coletivo dentro da instituição.
- ✓ Os alunos devem cumprir e resolver as solicitações de tarefas e trabalhos que os professores passam em sala de aula.
- ✓ Caso o aluno seja suspenso por algo de errado que cometeu, solicitam a presença dos pais na instituição para conversar com a equipe pedagogia sobre seu filho, sendo assim, pede-se a indispensável colaboração dos pais, no acompanhamento dos filhos, ou seja, será fundamental a colaboração dos Senhores Pais, no sentido de incentivar e na persistência do aluno em participar das atividades extraclases, no dia a dia escolar.
- ✓ A escola solicita a preservação e respeito dos bens que a instituição oferece aos alunos, como material escolar, quadro, carteiras, assim como também a equipe escolar.
- ✓ Solicitamos aos alunos que preserve a higiene, pois, a higiene promove as pessoas uma vida saudável.

(Dados do PPP da Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio São José Operário (2016))

Ao analisar as normas da instituição de ensino acima citadas, podemos ver que a escola se mostra aberta a todos, tais como alunos, professores e familiares, preservando um bom convívio entre os mesmos. Essa situação é bastante importante na relação ensino/aprendizagem, pois um bom convívio é essencial dentro desse contexto, como também a preservação do ambiente escolar e o comprometimento de cumprir as regras da escola, desde que respeite a autonomia do educando e do educador.

Durante esse projeto, no período de observação que ocorreu durante três meses consecutivos, como já foi mencionado anteriormente, continuei a frequentar a escola mesmo depois desse período. As aulas não estão acontecendo em prédio próprio, e sim em um espaço alugado, que foi construído para funcionar uma creche. Não há privacidade nas dependências, pois não existem portas internas. As salas são bem pequenas e as divisórias são feitas com gesso, dificultando assim a acústica do local.

Não há acessibilidade para cadeirantes ou para outros tipos de pessoas com deficiência física. Nas salas tem ventiladores, quadro branco, porém não contam com recursos tecnológicos como computadores, que se encontram apenas no laboratório de informática, porém o mesmo não funciona, pois as instalações do prédio não suportam a ligação elétrica do mesmo, existem também materiais para a criação de um laboratório de robótica, mas não em espaço adequado para que o mesmo funcione.

Ao pensar essa realidade, podemos analisar que o descaso na estrutura física da escola acaba por impedir que os alunos usufruam de uma melhor qualidade de ensino, pela qual poderiam ter uma melhor aprendizagem unindo, por exemplo, a teoria com a prática ao utilizar os laboratórios tanto de informática, como de robótica. Poderiam também ter melhor atenção se tivessem salas espaçosas nas quais o barulho das salas vizinhas e de corredores não atrapalhasse as aulas.

Atualmente, o respeito ao professor não mais pode advir do medo da punição, mas sim da autoridade inerente ao papel do profissional docente. Esta transformação histórica radical do lugar social das práticas escolares faz com que o professor de hoje não mais seja o único encarregado em “distribuir e fazer cumprir ordens disciplinares, mas um profissional cujas tarefas nem sequer se aproximam dessa função disciplinadora, apassivadora, silenciadora, de antes.” (AQUINO, 1998, p. 38). Nesse sentido, é de suma importância essa contribuição do professor e da comunidade escolar em si, dentro do processo de ensino/ aprendizagem.

3.2 - Oficina

Como já foi dito anteriormente, essa pesquisa teve início com um período de observação que durou três meses consecutivos, para então a partir dessas observações fazermos um diagnóstico da turma, ver pelo lado de “fora”, quais os problemas e quais as possibilidades de superação dos mesmos. Após ser feito esse período de observação, foi analisado e então formulada a pesquisa ação ou ação emancipadora proposta e executada na escola e agora, descrita aqui.

O projeto que desenvolveu a ação foi pensado em forma de oficinas, nas quais os alunos relataram oralmente as suas vivências escolares no ensino de História, aquilo que eles viam de problemas e de possibilidades na escola e no ensino de História em sala de aula. Foram feitas também discussões sobre o significado de autonomia, e sobre sua

relação com a escola e sala de aula. Esta “ação” foi formulada para acontecer em dois dias consecutivos, como assim foi nos dias 07/12/2017 e 08/12/2017.

As oficinas se deram da seguinte forma:

1ª dia – O primeiro dia foi dividido em dois momentos.

1ª momento– Foi promovido um encontro com os alunos com rodas de conversas, no qual eles relatassem oralmente suas experiências e vivências escolares no ensino de História. Para motivá-los, demos início falando sobre as minhas experiências (Foto 1). Em seguida os alunos falaram das suas, o que se constituiu em um momento de troca de experiências e construção de confiança mútua, essenciais para a continuidade das oficinas. Libâneo (1996, p.162) diz que “a exposição ou relato de conhecimentos adquiridos ou de experiências vividas é um exercício útil para desenvolver a relação entre o pensamento e a linguagem, a coordenação de ideias e a sistematização de conteúdos” e assim estabelecer uma relação durante a execução da ação emancipadora.

2ª Momento – Esse momento foi pensado para, de início, ativar o conhecimento prévio dos alunos. Primeiro, lançamos a pergunta: “O que é Autonomia?” e ouvimos o que entendia cada educando sobre esse conceito, depois discutimos as respostas e construindo possibilidades de definição para o termo (baseado também nos textos lidos para o TCC, expressando de uma forma mais clara e objetiva para a melhor compreensão dos alunos), dialogando suas ideias às definições acadêmicas.

Foto 1: Falando das vivências escolares.



Fonte: Elaborada por Amanda Vitória da Silva Cruz (2017).

Em seguida ao processo de discussão sobre autonomia na escola e na sala de aula, realizamos uma roda de conversas para que os alunos dissessem quais os problemas que enxergam em sala. Também quais as possibilidades em relação aos anseios sobre aos métodos e práticas de ensino (Forma que são dadas as aulas, materiais utilizados, etc.). E por último, se eles acham que a escola lhes dá autonomia, o que pensam sobre a estrutura da escola e sobre a hierarquia.

Organizamos as respostas dos alunos na estrutura que se segue:

1ª momento - vivências escolares no decorrer da vida escolar – Sobre os métodos de ensino.

➤ Alunos- “Decoreba’ a gente não entendia a matéria e a professora chegava para a gente e dava e resposta para a gente, o ensino de História ficava uma coisa chata. Mas tinha aprendizado, era mais trabalho e prova, os trabalhos eram sempre passados com perguntas que a resposta estava na

cara, não pergunta que fizessem o aluno pensar sobre o assunto e as provas eram ‘decorebas’, com explicações afundo, acaba que só decorávamos para fazer a prova. Mas aulas eram boas, eram passados resumos, atividades de elaboração.”.

Como podemos perceber os alunos ao longo de suas vivências escolares, desde que iniciaram na vida escolar no ensino fundamental I, acham que o ensino de História é apenas decorar o assunto, fazer questões e fazer a prova, e parava por ai. Nota-se assim que seria necessário que estimulassem o aluno desde o início da vida escolar a pensar criticamente, e a fazer indagações a respeito dos assuntos expostos. Nossa história escolar é permeada pela caracterização de um ensino de História pautado na preferência à História política, dos grandes líderes, o que ainda é um ranço nas escolas contemporâneas. Para nos esclarecem sobre essa questão, Lopes e Galvão (2001, p. 34) afirmam que:

Sabemos que, principalmente no século XIX, no afã de tornar-se ciência, a História priorizou a história política, a ação dos indivíduos na condução e transformação dos fatos históricos (gerando aquilo que hoje chamamos de culto aos heróis e às datas) e o documento oficial como a fonte mais legítima para a pesquisa (causando o que atualmente podemos identificar como o deslumbramento e o fetiche diante do documento).

Dessa forma, mesmo com mudanças recentes e com uma legislação que busca considerar os sujeitos comuns como importantes para a História, sua prática pedagógica ainda encontra-se muito centrada na valorização de heróis. Podemos afirmar que essa situação ainda é um ranço da ideia de que a história, enquanto processo vivido, é conduzido pela ação de indivíduos iluminados, o que é enfatizado pelo Estado, que alimenta e incentiva o culto aos heróis nacionais.

2ª Momento

Amanda - Tinham autonomia em sala e hoje?

➤ Alunos- “A gente não tinha autonomia em escolher se queríamos fazer trabalho, seminário ou prova, a gente não tinha essa autonomia. Não tínhamos total autonomia, mas se faltasse uma nota ou queria recuperar podamos escolher se queríamos fazer um resumo ou elaboração para

recuperar, nunca apresentamos um seminário na aula de História, mesmo pedindo, pois temos que aprender na escola para quando chegar à faculdade já saber.”.

A maioria dos alunos aponta a falta de autonomia desde o início de sua formação na escola até hoje, no sentido de escolher o que se quer fazer em relação a trabalhos, seminários, provas, etc. E essa participação seria bastante importante para demonstrar respeito às ideias dos alunos, e assim, estimular uma maior participação nas tarefas escolares e no esforço contínuo dos mesmos, dando também abertura assim para uma melhor relação professor/aluno e ensino/aprendizagem. Mesmo que para os leitores seja uma concepção restrita de autonomia, e que de fato é, porém para eles, os alunos, essa falta de participação na escolha de avaliação é de fato uma falta de autonomia. Libâneo (1994, p.195) diz que:

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, afim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias.

Amanda - Em relação à estrutura da escola o que vocês acham?

➤ Alunos- “Primeiro de tudo ventilação não têm, ventilador não presta, vamos rezar a Deus para não cair na nossa cabeça, é perigoso está precária a situação, se chover não tem água, é bem abafado se ligar o ventilador começa a fazer uma ‘zuada’ que apreço que está desmontando tudo, é tudo escuro, instalação elétrica não tem, não tem estrutura para todas as oficinas, os laboratórios de informática e nem de robótica que a escola tem, mas que nunca utilizamos durante esses três anos está só ai parado mofando, o jeito é colocar fita isolante para segurar mais uns dias.”.

Como podemos ver, a uma grande preocupação dos alunos para com a estrutura física da escola, e com o seu bem estar e até mesmo com as suas vidas, pois pelo que eles dizem, é bastante perigoso. Por isso eles querem uma melhoria física da escola. A preocupação com a parte física é facilmente percebida, pois o prédio notavelmente

apresenta tais falhas em sua estrutura e acaba gerando desconforto tanto para alunos como para professores. Talvez esse desconforto possa gerar algumas vezes uma desconcentração dos alunos, sendo essa desconcentração não viável para uma boa aprendizagem.

Percebemos também uma preocupação com salas mais arejadas, isso é facilmente justificável, pois de fato, em época de calor, ou até mesmo em tempos chuvosos, a sala fica muito abafada. Isso tudo pelo fato de não terem janelas, assim fica mais difícil à circulação de ar dentro da sala, gerando então, desconforto. E também com os laboratórios de informática e de robótica, pois se tivessem salas disponíveis para seu funcionamento seria bem melhor para a aprendizagem dos alunos.

Amanda - A escola lhes dá autonomia?

➤ Alunos - “Nem a escola tem autonomia, ela vive perante as regras da nona região, nem coragem de chegar e dar um aviso eles não tem, eles chegam e dizem que a nona região que mandou. A escola não nos dá autonomia em nada.”.

Percebe-se certa crítica de alguns alunos em relação à falta de autonomia na escola e sobre os membros que compõem a secretaria, direção, etc. Quando dizem “essa escola não nos dá autonomia em nada” visualizamos certo desconforto dos alunos, pois eles se sentem presos às regras, das quais, para eles, não podem fazer nada para mudar. Isso preocupa, pois na fala dos alunos mostra que para eles a falta de liberdade de escolha também dentro da comunidade escolar em que fazem parte. Freire (1996, p.65) enfatiza que “outro saber necessário a prática educativa, e que se funda na mesma raiz que acabo de discutir – a da inclusão do ser que se sabe ser incluso- *é o que fala do respeito devido à autonomia do ser educando.*”.

Amanda - Sobre a Hierarquia?

➤ Alunos - “Os alunos estão fora da hierarquia é só com a diretoria, a nona região e os professores. Nós temos que vim de calça, de tênis mesmo sem poder, ‘morrer no calor sufocado’ os professores que estão mais altos na tabela podem vim de sandália, de short, sem farda do jeito que quiser, eles não seguem regras só nós.”.

Chama atenção à forma com que os alunos se colocam em relação à hierarquia da escola, pela a fala de alguns se nota que os mesmos se sentem mal com uma falta de liberdade dentro da escola. E em alguns casos, se sentem o patamar mais baixo de uma “pirâmide” hierárquica, e isso desagrade à maioria dos alunos.

2ª Dia: O Segundo dia foi pensado em três momentos.

1ª momento - Apresentação dos vídeos “Até quando?” e “Estudo errado” de Gabriel O Pensador. Após isso foi mostrada a importância de se ter opinião própria, de se posicionar na vida, na rua, na escola, desde que esse posicionamento seja adequado, como por exemplo, na maneira de se expressar e de agir diante das situações. Primeiro foi exibido o vídeo “Até quando”, aonde ele vem falar das mudanças de postura, do presente, de posicionamento, fazendo questionamentos de “até quando” as coisas vão ser iguais, do conformismo e da atitude das pessoas diante dos problemas da sociedade. Em seguida foi exibido o vídeo “Estudo errado” (Fotos 2 e 3). No vídeo é feito uma crítica sobre os métodos de ensino que fazem o aluno apenas decorar a matéria, deixando assim, o estudo “chato”, o vídeo ainda procura despertar os professores, pais e alunos sobre o papel da escola na formação da sociedade.

Foto 2: Exibição dos vídeos.



Fonte: Elaborada por Amanda Vitória da Silva Cruz (2017).

Foto 3: Alunos assistindo os vídeos.



Fonte: Elaborada por Amanda Vitória da Silva Cruz (2017).

2ª momento - Reflexão sobre os métodos e práticas escolares no ensino de História e questionar se processos de autonomia são trabalhados com os alunos, ou não. A partir daí foi proposto à criação de um mural (utilizando imagens, revistas, música etc.), no qual eles expressariam os seus desejos enquanto alunos em relação à escola, principalmente como a escola deveria trabalhar com eles, assim como também deveria ser a sala de aula. Assim os alunos mostrariam quais mudanças que eles achavam necessárias na escola e na sala de aula.

3ª momento - Criação do mural feito em cartolinas. A sala foi dividida em dois grupos, e os alunos juntos fizeram dois murais em que neles expressavam seus desejos para melhoria da escola (Fotos 4 e 5).

Foto 4: Criação dos murais.



Fonte: Elaborada por Amanda Vitória da Silva Cruz (2018).

Foto 5: Criação dos murais.



Fonte: Elaborada por Amanda Vitória da Silva Cruz (2018).

E assim foi concluída a execução da ação emancipadora/pesquisa ação. A técnica utilizada para essa pesquisa durante alguns momentos (segundo momento do 1ª dia e segundo momento do 2ª dia) foi uma espécie de entrevista semi-estruturada, na qual, a partir de perguntas abertas, feitas oralmente, fomos possibilitando que surgissem outras perguntas. Essa ação foi trabalhada com uma turma de 13 alunos do 3ª ano, do Ensino Médio, turno vespertino.

A análise dos dados foi feita a partir do método DSC (Discurso do sujeito coletivo), essa metodologia parte da construção de um pensamento coletivo onde se usa a fala de cada indivíduo pensando-a como um todo, assim como aponta Lefèvre (2005, p. 21), “De fato, nas pesquisas com o DSC, o pensamento é coletado por entrevistas

individuais com questões abertas, o que faz com que o pensamento, como comportamento discursivo e fato social individualmente internalizado, possa se expressar.”. Ou seja, a partir de uma pergunta vai se dando abertura para que surja outras, e com as respostas semelhantes para construir um discurso “coletivo”. Essa metodologia de pesquisa une o quantitativo com o qualitativo, porém dando ênfase ao qualitativo, é assim tem o objetivo de diagnosticar e orientar a turma.

Após a exibição dos vídeos os alunos falam a respeito dos métodos e práticas de ensino e relacionaram com os vídeos.

➤ Alunos- “O que se aproxima do vídeo ‘escola errada’ onde mostra o uso da palmatória o castigo, bota o aluno na parede e agente não lida com isso e que se aproxima da nossa realidade é somente o diminuir pontos, mas isso é muito raro. Em relação aos métodos de ensino, do jeito que a professora teve aquele ensino que ela veio pegando de quando ela estudou, ela ensina, não tem um método de ensino renovado como os novos professores têm, apareceram novas tecnologias e novas formas de ensino e aprendizagem para os alunos, normalmente é essas coisas de decorar, mais ela passava também pra gente estudar, mas ninguém estudava, mas as aulas são boas.”.

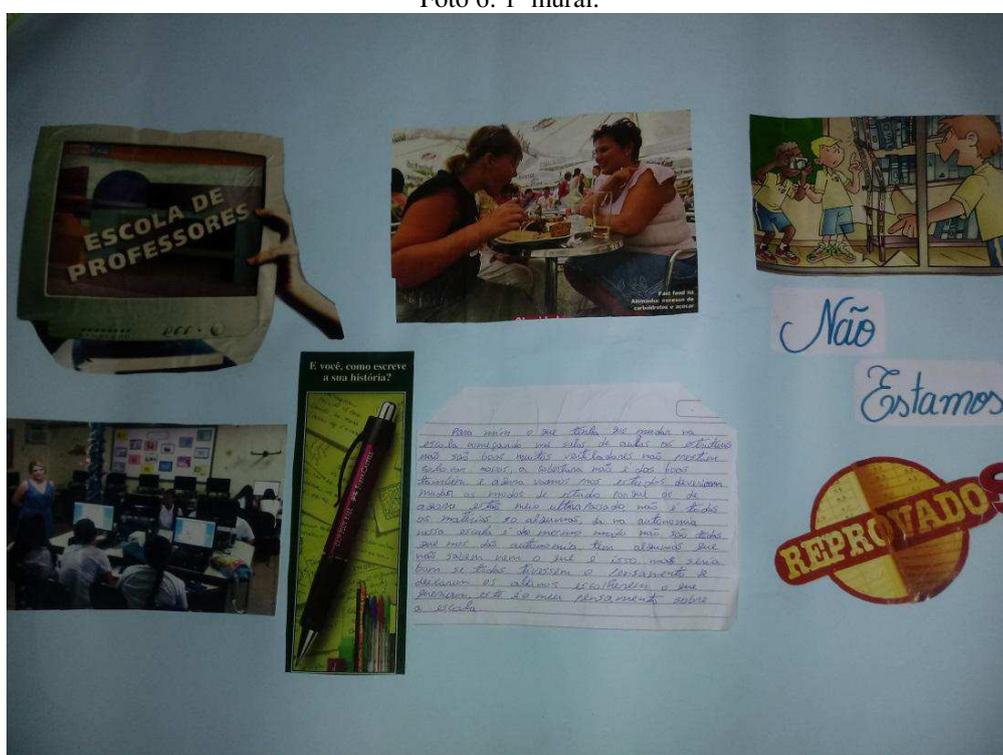
Nesse momento os alunos mostram que acham as aulas de História boas, mas que não tem um método “renovado” de ensino, com emprego de novas tecnologias e novas linguagens, mas apenas com um método tradicional. E que por vezes o aluno que não quer estudar, por já ser acostumado em apenas decorar as questões passadas para fazer a prova, já que este é um método tradicional de lecionar. Por esse emprego de novas tecnologias, Silva e Figueiredo (201, p.101) falam que:

Não há mais espaço para a resistência às mudanças, atualmente é prioritário, para os profissionais da educação, utilizarem, de modo adequado, as novas tecnologias... o emprego desses recursos insere na perspectiva do ensino e da pesquisa histórica contemporânea, especialmente, para dinamizar as aulas e ao mesmo tempo estimular a participação e a constituição de consciência crítica discente.

Nesse sentido, é de total importância ser inserido dentro da sala de aula, o uso de novas tecnologias. Não inseri-las por inserir, mas para estimular a constituição de um pensamento crítico do educando.

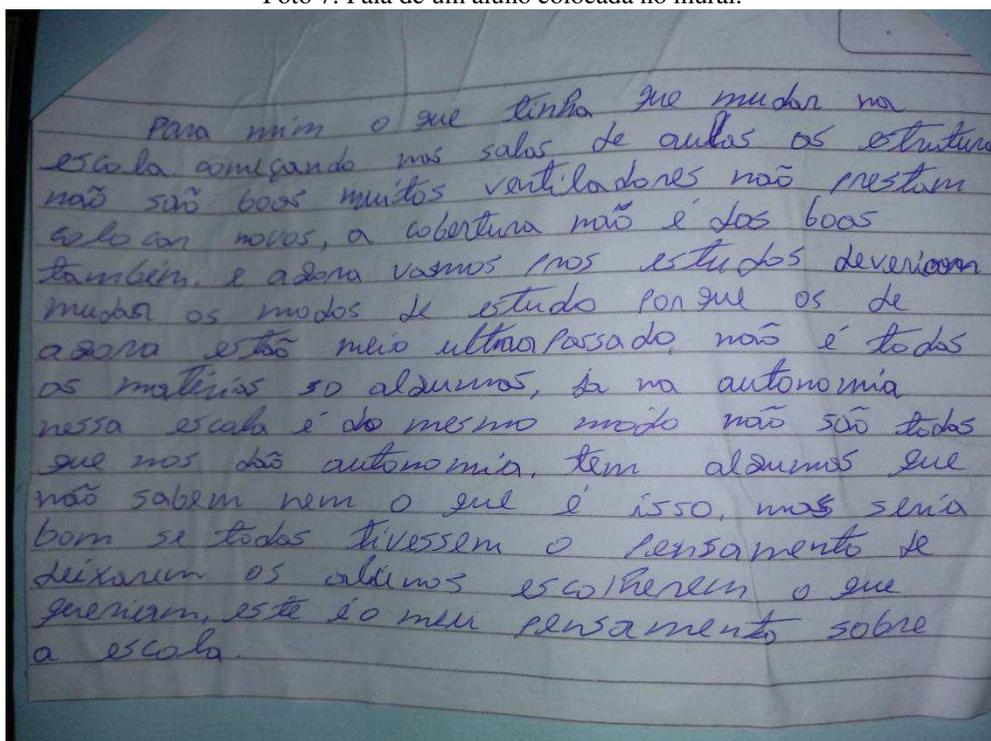
4ª momento - Em seguida, a criação dos murais no qual os alunos mostram aquilo que querem ver de mudança na escola.

Foto 6: 1ª mural.



Fonte: Elaborada por Amanda Vitória da Silva Cruz (2017).

Foto 7: Fala de um aluno colocada no mural.



Fonte: Elaborada por Amanda Vitória da Silva Cruz (2017).

Foto 8: 2ª mural.



Fonte: Elaborada por Amanda Vitória da Silva Cruz (2017).

É notável nas imagens dos murais feitos pelos alunos (Fotos 6, 7 e 8) os seus anseios para com a escola, e os seus desejos de melhoria. Eles apontam que precisa melhorar as salas de aula, a cobertura (telhado), a merenda e a estrutura física em si. Almejam por diversidades culturais, divertimentos e mais esportes. Que também precisa de uma sala de informática e internet. Mas, que também precisam de autonomia no ambiente escolar e de mudanças nos métodos de ensino, pois para alguns deles, os que são utilizados já estão ultrapassados. É interessante salientar que os jovens costumam ter seu próprio jeito (ser autêntico em sua forma) de se comunicar, de agir diante das circunstâncias, de falar e de se comportar. E que o acolhimento dessas formas de ser no ambiente escolar e na sala de aula é de fundamental importância no ensino/aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou apresentar os métodos e as práticas de ensino de história na Escola São José Operário, na cidade de Joca Claudino PB, no 3ª ano do ensino médio, turno vespertino. Buscando também fazer um projeto de intervenção na já referida escola, com intuito de contribuir com a mesma, enquanto comunidade escolar, levando em consideração as questões de autonomia.

Dentre tudo que já foi exposto até aqui, podemos concluir que o ensino de história é de grande importância para a construção do pensamento crítico do aluno e de sua identidade enquanto um ser inserido na sociedade em que vivemos. A construção desse pensamento crítico é ideal para o desenvolvimento da autonomia do educando, tornando-o capaz de discernir sobre as suas escolhas e também suas responsabilidades, na escola e na vida, isso se faz necessário no ambiente escolar, pois o ensino não pode ter apenas como meta um mero acúmulo de conhecimento científico e de informações, mas sim em uma formação integral do educando enquanto cidadão.

O ato de ensinar por vezes tornasse um desafio, e é de fato trabalhoso, mas com empenho e amor esse desafio tornasse prazeroso. Os professores das escolas públicas, e da escola e turma que foi objeto de estudo dessa pesquisa mais especificamente, tem de procurar meios pelos quais incentivem os alunos, desafiando-os, estingando e incentivando-os a gostar da disciplina de história. Para que os mesmos não achem “chata” e percam o interesse de aprender a pensar e a construir o pensamento crítico.

Libâneo (1996, p.177) diz que “[...] na escola, a aula é a forma predominante de organização do processo de ensino. Na sala se criam, se desenvolvem e se transformam as condições necessárias para que os alunos assimilem conhecimentos, habilidades, atividades e convicções [...]”. E é dentro desse processo, que o educador tem de estimular o aluno para que o processo de ensino também seja uma atividade independente do aluno, ou seja, que ele seja autônomo.

Mas claro, nem todos os problemas que foram discutidos ao longo dessa pesquisa, tais como o descaso com a estrutura física, por exemplo, pode ser solucionado pelo professor, e sim pelos órgãos públicos responsáveis por essa área. Problemas tais como as salas pequenas, os problemas na rede elétrica, falta de iluminação adequada e a acessibilidade para pessoas portadoras de deficiências físicas (mesmo não tendo alunos

na escola que esteja nessa situação), porém se faz necessário mesmo assim, dentre todos os outros problemas relacionadas anteriormente.

Em suma, o interesse em aprender história, a gostar de estudar pode sim está ligada as questões de autonomia. E dentro desse quadro, tem que se estimular no trabalho dos professores e da comunidade escolar em geral, o estimula a busca por novos métodos e novas práticas de ensino, para que com isso, possam melhorar as suas aulas e para que as mesmas não sejam monótonas.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. **A indisciplina e a escola atual**. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 24, n.2, 1998.

BARROS, José D'assunção. Os Annales e a história-problema – considerações sobre a importância da noção de “história-problema” para a identidade da Escola dos Annales. **História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 2, n. 12, p.305-325, 2012.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

BOBBIO, N. **O futuro da democracia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora da UNESP (FEU), 1999- (enciclopédia).

ESCOLA ESTADUAL ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO SÃO JOSÉ OPERÁRIO. **Projeto Pedagógico**. Joca Claudino, 2016. 43 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. 24ª. Ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

HORA, Dinair Leal Da Hora. **Gestão educacional democrática**. Campinas: Editora Alínea, 2007.

LEFÈVRE, F. (2003). **Discurso do Sujeito Coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul – RS: EDUCS. Lefèvre, F. & Lefèvre, A. M. (2005).

LA TAILLE, Y. **Autoridade e limite**. Jornal da Escola da Vila, São Paulo, 1994, p. 24-28.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério. Série: Formação do Professor).

MARTINS, Ângela Maria, **Autonomia e gestão da escola pública: entre a teoria e a prática**- Campinas, SP : {s/n}, 2001.

MERRELL, Floyd, **Viver aprendendo: cruzando fronteiras dos conhecimentos**- ijuí: Ed. Unijuí, 2008. 408 p.

NAPOLITANO, Marcos. Pensando a estranha história sem fim. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 163-183.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **Nova Didática**. – 4. Ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro: FENAME, 1978.

SILVA, Camila Gonçalves, FIGUEIREDO, Vitor Fonseca. **Os desafios da educação contemporânea: O ensino de História e o emprego das novas tecnologias.** OPSIS, Catalão, V. 13, n.1, pag. 99-119- Jan/Jun. 2013.